

Manaus, domingo, 9 de dezembro de 2001

a critica ECONOMIA a 15

RIQUEZA DA REGIÃO

Manejo pode salvar pau-rosa

Fotos: João Pinduca Rodrigues

MATÉRIA-PRIMA DO FIXADOR DE AROMAS USADO NO CHANEL Nº 5, A ÁRVORE ESTÁ AMEACADA DE EXTINÇÃO. ESPÉCIE AMAZÔNICA É A MAIS RICA EM ÓLEO

O pau-rosa, espécie muito cobiçada pela indústria de cosméticos em todo o mundo e incluída pelo Ibama entre as espécies ameaçadas de extinção, pode ser salvo por pesquisas realizadas pelo Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (Inpa), que vem desenvolvendo tecnologias de manejo sustentável para a espécie. Os pesquisadores estão prevendo o aumento da demanda interna pelo produto com a possível instalação de um pólo de cosméticos em Manaus. O pau-rosa é matéria-prima do linalol, substância utilizada pela indústria de perfumes e que ficou mundialmente conhecida ao integrar a fórmula do famoso perfume francês Chanel nº5, criado na década de 20 pelo estilista Gabrielle Chanel.



Produto era usado em lamparinas

“Em princípio, o óleo de pau-rosa é um perfume completo, apresentando nota de entrada, corpo e saída. É uma das poucas plantas que se caracteriza por possuir todas essas propriedades. Mas ele também é utilizado pela indústria, principalmente como fixador de aromas”, deta-

lhou o pesquisador do Inpa, Juan Revilla.

Ele explicou que a árvore é nativa da Amazônia e que existem três espécies que podem ser encontradas desde o sul do México até o princípio da Mata Atlântica. A espécie amazônica, no entanto, é a que apresenta as maiores concentrações de óleo. Revilla lembra que a região já foi tão rica em pau-rosa que os caboclos utilizavam o óleo como combustível para lamparinas, tal era a abundância. Hoje, é preciso caminhar por quilômetros para encontrar um exemplar da espécie.

A exploração predatória atingiu seu auge nas décadas de 20 e 30, com o crescimento da indústria de perfumes. A exploração artesanal era feita por meio de usinas itinerantes, que exploravam toda a madeira de determinada área, até esgotá-la. Depois, seguia para outra área continuando o processo predatório. “Graças a isso, a planta está extinta nas áreas onde havia maior abundância. Atualmente, ainda está presente em pequenas áreas nos vales dos rios Nhamundá e Trombetas”, comenta Revilla.

Um fator que acelerou o esgotamento do pau-rosa na região foi a grande disparidade entre o volume de matéria bruta necessário para obtenção do óleo. Para se extrair 180 quilos de óleo, é necessário utilizar de 15 a 25 toneladas de madeira. A extração de 50 toneladas do produto significa a derrubada de aproximadamente 2 mil árvores anualmente.

O cientista Antenor Pereira Barbosa, do Inpa, ressalta que os maiores importadores são indústrias da Europa e Estados Unidos. Com a escassez do linalol, as empresas tiveram que adotar substitutos sintéticos desenvolvidos em laboratório. “Mas esses produtos não apre-



DISPARIDADE

Pelo método tradicional, é preciso derrubar duas mil árvores para se conseguir 50 toneladas do precioso óleo

sentam propriedades tão excelentes quanto as do linalol natural”, disse Barbosa, acrescentando que a demanda internacional pelo produto cresce a cada ano. Atualmente, o preço do tambor

de 180 litros oscila entre US\$ 6 mil e US\$ 7 mil.

As exportações do óleo de pau-rosa têm caído com a falta de matéria-prima, pela pressão de órgãos ambientais e pelas pró-

prias condições impostas pelos compradores, que exigem certificação de procedência do produto. O Ibama tem controlado a exploração do produto e um dos requisitos para a exportação é que os

produtores mantenham áreas de plantio da espécie. Trata-se de um mercado em expansão que poderia ser aproveitado por empresas da Amazônia, mediante projeto de exploração sustentável.

Folhas são alternativa

O método de extração tradicional do óleo de pau-rosa é feito por processos de destilação que aproveita a raiz, o tronco e os galhos grossos, de modo que a árvore precisa ser derrubada. No entanto, desde a década de 70 já existe tecnologia que viabiliza a exploração racional pelo aproveitamento das folhas e galhos finos da árvore, tornando a extração sustentável. A tecnologia foi desenvolvida pela Inpa e publicada na revista Acta Amazônica em 1971.

A nova tecnologia, conta Barbosa, ainda está se estabelecendo e tem futuro promissor, pois não mata a árvore, como acontece no método tradicional. "Ainda estamos avaliando a qualidade do óleo obtido pelo método e a resposta das plantas ao processo de poda. Precisamos saber quantas vezes a árvore suportaria ser podada sem perda de qualidade do produto. O Inpa já mantém algumas experiências nesse sentido", detalhou o pesquisador, acrescentando que, inicialmente, a nova técnica apresenta o dobro da produtividade média da extração tradicional, com a vantagem de não matar a árvore, mantendo a sustentabilidade da atividade.

Pesquisadores do Inpa vem estudando mudas em viveiro e já mantém árvores adultas produzindo sementes. Também há avanços com reprodução assexuada por meio de poda. Um dos principais desafios tem sido o combate a pragas que atacam as sementes e folhas das plantas. "Em viveiro, identificamos diversas pragas como a broca do pau-rosa, broca do caule e o cochonilha - inseto que destrói a folha prejudicando a fotossíntese", salientou Antenor Barbosa.

De acordo com o Ibama, a extração de matéria-prima suficiente para produzir um tambor de 180 litros de linalol deveria ser compensada com o replantio de 80 mudas de pau-rosa. Mas o replantio é dificultado pela escassez de mudas, falta de técnicas de plantio e longo período de maturação das plantas para corte - mais de 25 anos. As pesquisas do Inpa visam o equacionamento desses problemas, tendo em vista a possível implantação de um pólo de cosméticos em Manaus. O pólo certamente vai gerar demanda interna pelo óleo de pau-rosa, obrigando os empresários a investirem no plantio sistemático da espécie.